

O Vaqueiro e o Jornalista

J O S É H U G U E N I N

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Paola Mariz

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H897v HUGUENIN, José. 1978–

O vaqueiro e o jornalista / José Huguenin – Penalux:
Guaratinguetá, 2018.

172 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-422-8

1. Romance I. Título

CDD B869.93

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O encontro

SOMBRA, PROPRIAMENTE DITA, NÃO HAVIA. Vento que se pudesse chamar de vento, também não havia. Água, nem se fala. As poucas folhas da triste vegetação permaneciam estáticas como se fossem o centro do universo com tudo girando em volta, a começar pela cabeça do Jornalista que, tonto, teve um rápido desmaio. Recobrou os sentidos rápido, o medo dava a adrenalina suficiente para manter-se alerta. Ficou descansando em um estado entre dormindo, exigido pela exaustão, e acordado, por uma questão de instinto de sobrevivência. Estava debaixo de uma pequena aroeira ouvindo as pancadas abafadas dos canhões. Nem longe nem perto. As poucas folhas da caatinga que o protegiam faziam uma sombra que parecia oriunda de peneira. As folhas estáticas davam também a sensação de que o próprio tempo havia parado. Os canhões não cessavam os tiros e corroboravam aquele quadro de continuidade infinita. O tempo que estava ali não poderia calcular. Tentou guiar-se pela luz do sol, que de tão intenso parecia vir de todo lado, mas não atinava com a posição do astro-rei no céu.

Arrependimento, arrependimento mesmo, sentia de não ter ouvido seu amigo Francisco Galoti, que insistiu que ele deveria ficar no acampamento em Queimadas. Lá estaria protegido. Comida racionada, é certo, mas alguma comida, afinal. E água, também teria água. Teria essas pequenas coisas vitais e junto o esperar agoniado pelo destacamento que viria buscar suprimento e conduziria os médicos voluntários e jornalistas ali presentes para a frente de batalha. Não, não. Não estava arrependido. Fez o que tinha que ser feito. Ouvia os canhões e convencia-se de que tinha feito a escolha certa. Ele e todos os republicanos acreditavam que aquele movimento de tropas sem precedente no Brasil República estava prestes a liquidar o levante monarquista e dar fim ao fanático beato. Precisava estar perto para presenciar o heroísmo do exército republicano, que sofrera já três reveses, e fazer a sua parte naquele importante acontecimento histórico: precisava escrever, relatar, contar a verdade ao país, que se estarrecia com o levante. Para isso se ofereceu ao editor do jornal em que trabalhava para ser testemunha ocular dos acontecimentos, o que hoje se chama correspondente de guerra. Ele queria estar perto, ver tudo e contar os fatos. No fundo, no fundo, queria mais é testemunhar o triunfo da República frente à sombra da volta do Império, do atraso, assim pensava. Agora estava ali. Alvo fácil para bandidos, capitulando naquele deserto. Não veria a entrada triunfal do exército naquela cidade rebelde, não ouviria sequer a versão oficial, estaria morto. Se sobrevivesse, seu editor o mataria por perder esse momento. Gastara um absurdo para enviá-lo e o diário publicaria o texto

da comitiva oficial. Agora se sentia culpado pelo ímpeto, sair com apenas um guia naquelas terras fora uma temeridade. Não conhecia bem as manhas do sertão e desconhecia, como os expedicionários, a força do sertanejo. Não imaginava ser tão duro respirar aquele ar seco, vencer o terreno árido, sem nenhum frescor. O cansaço o venceu e seus devaneios deram lugar a pesadelos que se arrefeceram com uma nuvem passando. O calor tornou-se suportável e sentia até certo alívio. Passou a sonhar com as praças ricas em sombras de grandes árvores em frente à igreja matriz, ouvia um sino, mais agudo que o habitual, que parecia se aproximar. O sino continuou a badalar cada vez mais perto, mesmo quando em seu sonho já não tinha mais matriz. O barulho era real e o fez despertar. Ficou congelado, sem se mover, ao ver que o sino que ouvira era o que estava pendurado em uma vaca que passava lentamente numa cena surreal. O desespero veio quando, pouco tempo depois que a vaca passou sem ligar para ele, avistou um *titã*. Deitado no chão pareceu-lhe ver um gigante, com uma armadura encouraçada, elmo redondo sobre a cabeça. Uma face magra e séria dava ao titã um ar quixotesco. Mas da figura não emanava tristeza, e sim destemor e uma serenidade carrancuda. Os olhos do Jornalista esbugalharam e dividiu o fim. Um jagunço. Morreria. Ouvira tantas histórias em Queimadas, e agora estava perdido. Chegava ao fim sua jornada. Ao tentar afastar-se, dava com as costas no chão e não saída do lugar. Começou a rastejar com uma esperança inútil de escapar. Parou quando ouviu a voz seca do sertanejo.

– Tenha medo, não. Sô vaqueiro, num sô jagunço.



Na confeitaria

– **UMA SALVA DE PALMAS** para o nosso paladino!

Vivas e palmas seguiram a entrada triunfal do Jornalista na confeitaria. Os amigos batiam na mesa, batiam com os pés no chão, gritavam hurras fazendo uma festa ruidosa ao amigo que publicara no dia anterior um artigo feroz sobre a guerra.

– Quisera a República que a artilharia do Febrônio de Brito e do Moreira César fosse tão certa quanto tuas palavras.

– Foi realmente um artigo brilhante – manifestou-se um colega de profissão. – É preciso que se dê um fim ao levante. Colocaste bem a condição de pequena vila revoltosa, como outros casos na Europa.

– É, mas a nossa vila não para de crescer – interveio o Jornalista. – Chegam notícias de que a população migra para Canudos todos os dias. Não sei como consegue sobreviver tanta gente.

– Vocês têm dúvidas de que os monarquistas estão financiando este levante? – objetou o colega. – Analisem, senhores, eles desbarataram uma expedição de mais de 500 soldados,

armados, treinados e liderados pelo experiente Febrônio de Brito. Depois, mandam-se 1300 homens sob a liderança do grande Coronel Moreira César, o “corta cabeças”. Resultado: o coronel acaba decapitado e aquela força militar é desbaratada. Ou seja, este movimento é mais do que uma rebeldia, trata-se claramente de uma contrarrevolução monarquista.

O garçom que trazia um copo para o Jornalista quis mostrar-se bem informado:

– Os fanáticos já haviam escorraçado a polícia da Bahia, o que não é pouca coisa. Falaram aqui no salão que o próprio Antônio Conselheiro declarou em uma pregação que era fiel à Coroa. Que a República é coisa do diabo. Agora, ele, o Conselheiro, deve ter lá os seus poderes porque teve aqui soldado, ferido de guerra, que disse que o homem fez milagres, e dos grandes, em todos os casos.

– Não existe isso, meu bom Chico – contemporizou o Jornalista.

O levante de Canudos, de fato, tornara-se um problema de Estado. Vários grupos de jagunços faziam saques em nome da causa conselheirista. Alguns diziam tratar-se de banditismo puro e simples. Assunto de polícia. Não tardou, os resultados das duas primeiras investidas exigiram que a Presidência da República assumisse as rédeas, dando ordens para o Ministro da Guerra, o Marechal Carlos Machado Bittencourt, agir.


A República recém-instalada mostrava-se um pouco sem rumo. Por um lado, um levante de esfarrapados para reafirmação era tudo que precisava. Por outro lado, será mesmo que os defensores do imperador estavam por trás do


Conselheiro? Alguma coisa precisava ser feita nos dois sentidos. Quando a população das grandes capitais soube que a expedição comandada por Febrônio de Brito para debelar os revoltosos de Canudos foi dizimada, ficou a imagem dos jagunços derrotando o exército republicano. O Ministro da Guerra, porém, sabia que tal expedição fora um apanhado de uns poucos soldados despreparados, sem treino para operações no sertão e descrentes de que poderiam encontrar resistência. A única resposta aos problemas nos dois sentidos era uma vitória retumbante sobre o inimigo, seja lá o que o inimigo significasse: opositores políticos, fanáticos religiosos ou o que mais pudessem ser. Mandou, então, uma força de cerca 1300 homens sob a liderança de um herói nacional: Moreira César. A vitória retumbante não vem. Ao contrário, uma derrota acachapante deixa o país perplexo e a República em xeque.

O Jornalista retomou a palavra com ar grave, não escondendo um certo sorriso no rosto. Trazia uma informação de última hora e impostou a voz como quem faz um anúncio grandioso:

– Senhores, acho que, enfim, o Ministro da Guerra entendeu a gravidade da situação. Vai pessoalmente comandar as forças de mais de cinco mil homens contra esta resistência nefasta ao futuro brilhante que espera nossa nação!

Uma onda de vivas e hurras tomou conta de toda a confeitaria. Agora, sim, as autoridades estavam encarando o problema de frente. Não ficaria pedra sobre pedra no povoado que ousara ir contra a República. Foi difícil silenciar a claque para continuar o anúncio:



 www.josehuguenin.com

 jose.huguenin@avl.org.br